

23.11.2019
-18.01.2020(Rub
Al'Khalil)

Empty Quarter #2

PT

A **sala117** é uma galeria e plataforma de disseminação de práticas artísticas contemporâneas. Num cruzamento entre linguagens, suportes e processos distintos, a galeria apresenta-se cada vez mais dedicada ao apoio e promoção do trabalho de artistas emergentes. Fundada em 2016 na cidade do Porto, o seu programa inclui exposições e projectos curatoriais dos artistas representados, assim como pesquisa e divulgação de jovens artistas portugueses e internacionais.

EN

sala117 is a gallery and platform for the dissemination of contemporary artistic practices. In a cross between different languages, supports and processes, the gallery is increasingly dedicated to supporting and promoting the work of emerging artists. Founded in 2016 in the city of Porto, its program includes exhibitions and curatorial projects of its represented artists as well as research and diffusion of young Portuguese and international artists.

sala117

Rua Damião de Góis 200
4050-222 Porto, Portugal
mail@sala117.com
www.sala117.com

PT

Em 2016 Pauliana Valente Pimentel apresentou em Lisboa, no “o - apartamento” a primeira exposição acerca da sua experiência no mundo Árabe, um trabalho que realizou no Dubai. Ela teve a oportunidade de voltar aos Emirados Árabes Unidos em 2018 para mergulhar mais intimamente nesta realidade, e vai agora apresentar o resultado final na Sala117, no Porto.

“Em 2015 fui convidada pela curadora Marie Loffreda para desenvolver um projecto fotográfico sobre o Dubai. O intuito foi construir uma memória visual, registando situações do quotidiano, situando a imagem fotográfica entre o documental e a poesia, num registo enraizado na tradição de Robert Frank, de William Eggleston, de Walker Evans, Stephen Shore ou Alec Soth onde a deambulação resulta numa mistura ecléctica de indivíduos, paisagens e de interiores. Visualmente o que mais me fascinou foi o lado de sonho, o lado plástico e não real que se confunde com a própria realidade. Interessou-me em particular fotografar os locais, os Emiratis e tentar tocar a forma como vivem a sua intimidade. Não consegui ficar indiferente à maneira como esta cidade dos Emirados Árabes Unidos evoluiu em tão poucos anos graças ao petróleo e comércio, brotando das areias do deserto da Arábia”
(Pauliana Valente Pimentel, Dubai 2015)

Pauliana Valente Pimentel, 1975. Lisboa. Como artista visual e fotógrafa freelancer, faz trabalhos de foto-reportagem desde 1999 para diversos jornais e revistas como exposições individuais e colectivas em Portugal e no Estrangeiro - Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha, Grécia, Turquia, EUA, China, Marrocos e Cabo Verde. Em 2005, participou no curso de fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Pertenceu ao colectivo [Kameraphoto] desde 2006 até à sua extinção em 2014. Em 2016 funda o colectivo N’WE. Em 2009 foi publicado o seu primeiro livro de autora “VOL I”, pela editora Pierre von Kleist, “Caucase, Souvenirs de Voyage”, pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2011, em 2018 “Quel Pedra” pela Camera Infinita e em 2019, “Narcisismo das Pequenas Diferenças” pelo Arquivo Municipal da Camera de Lisboa. Realizou também diversos filmes: “Diz-se que Portugal é um bom país para se viver”, 40’, Portugal 2011; “Youth of Athens”, 13’. Athens, Greece, 2012; “Entre Nous”, 51’. Portugal, França, 2014. Em 2015 recebeu o prémio de Artes Visuais, do melhor trabalho fotográfico do ano, “The Passenger” pela Sociedade Portuguesa de Autores. Em 2016 foi nomeada para o Prémio “NOVO BANCO Photo”, pela série “The Behaviour of Being”, tendo apresentado “Quel Pedra” no Museu Berardo. Esteve durante cinco anos representada na Galeria 3+1 Arte Contemporânea e sete anos pela Galeria das Salgadeiras, em Lisboa. Actualmente colabora com a sala117. Parte da sua obra pertence a colecionadores privados e institucionais, tais como Fundação Calouste Gulbenkian, Partex, Fundação EDP e Novo Banco.

EN

In 2016 Pauliana Valente Pimentel had in Lisbon, in “o - apartamento” the first exhibition about her experience in the Arab world, a work she did in Dubai. She had the opportunity to come back to the United Arab Emirates in 2018, to come closer and get a deeper immersion into this reality, and now she is presenting her final work in “Sala 117” gallery in Oporto.

“In 2015 I was invited by the curator Marie Loffreda to develop a photographic project on Dubai. The aim was to build a visual memory, recording everyday situations, placing a photographic image between documentary and poetry, in a record rooted in the tradition of Robert Frank, William Eggleston, Walker Evans, Stephen Shore or Alec Soth where a wandering Resulting in an eclectic mix of individuals, landscapes and interiors. Visually what has fascinated me the most for a dream side, a plastic and not real side that is confused with a reality. I was particularly interested in photographing the sites, the Emirati and trying to touch a way they live their intimacy. I could not stay the same as this city of the United Arab Emirates evolved in so few years thanks to oil and commerce, sprouting from the sands of the Arabian Desert”

(Pauliana Valente Pimentel, Dubai 2015)

Pauliana Valente Pimentel was born in Lisbon in 1975, the city where she still lives but she is working all around the world. As an artist and a freelance photographer she has been producing photo reportages since 1999 for various Portuguese and foreign magazines and newspapers. In 2005 she took part in the photography course of the Gulbenkian Creativity and Artistic Creation Program. She was member of the [Kameraphoto] collective from 2006 until its extinction in 2014, and a founding member of the N’WE collective in 2016. Besides her participation in collectively authored books, she produced her own first book “VOL I” in 2009, published by Pierre Von Kleist, “Caucase, Souvenirs de Voyage” in 2011 by Gulbenkian Foundation and “Quel Pedra” by Camera Infinita in 2018. Filmography: “Diz-se que Portugal é um bom país para se viver”, 40’, Portugal 2011; “Youth of Athens”, 13’. Athens, Greece, 2012; “Entre Nous”, 51’. Portugal, France, 2014. In 2015 she won the prize for the best photographic work of the year by the Portuguese Author Society and in 2016 she was nominee for the Novo Banco prize, the most important prize in Portugal for contemporary photography. She did already several exhibitions in Portugal, Spain, Italy, England, Germany, Greece, but also outside such as EUA, Turkey, China, Morocco and Cape Verde. She was represented for five years by Galeria 3+1 Arte Contemporânea and seven years by Galeria das Salgadeiras, in Lisbon. Nowadays she collaborates with sala117 and part of her work belongs to private and institutional collections.

Entre a imagem e um “imaginarium” do Dubai

PT

Em *Notes on the Index*, de 1976-77, Rosalind Krauss acentuava a «ligação física» da «imagem» fotográfica ao «objeto» representado. A natureza da fotografia seria assim, e antes de mais, indicial, porque indexada desde logo ao real. A tese da teórica norte-americana recuperava, por sua vez, as conclusões de Charles Sanders Peirce sobre a semiótica como lógica ou nova axiologia do olhar. Segundo ele, os «signos» estão divididos em três classes distintas, isto é, o «símbolo», que projeta apenas uma «convenção» do objeto em correspondência a uma comum significação; o «ícone», que oferece uma «similitude» formal desse mesmo objeto, e o «índice», que declara uma relação, ainda representativa porém, da «presença» real desse objeto, no clarão de um aparecer que é contíguo à sua presença no espaço e no tempo². Por isso, entre o passado da referência signífica representada e a sua revisão no presente, produz-se uma espécie de fantasmagoria associada a esse «índice», que só a «imagem» registada pelo processo da fotografia consegue desencadear.

Recuperemos agora a visão sensível de Walter Benjamin: «a imagem é aquilo onde o Outrora encontra o Agora num clarão, formando uma constelação. Por outras palavras, a imagem é a dialética imobilizada. Pois enquanto a relação do presente com o passado é puramente temporal, a do Outrora com o Agora é dialética: não de natureza temporal, mas imagética.»³ Deste modo identificada, entre a natureza do «índice» e o trânsito do «outrora» ao «agora», assim nasce a consciência do devir desse vaivém que nos imobiliza perante o magistério do encantamento. E, com a fotografia, todos jogamos desde os primórdios na assunção «dialética» de um novo mas poderoso imaginarium, aquele que, apesar de preso ao real desde a sua origem (resultado milenar do ímpeto mimético e figurativo que atravessa a humanidade desde o desenho das cavernas ao exercício fotográfico), promoveu, desde meados do século XIX, entre o inefável «clarão» do «outrora» no «agora» e a sua poderosa transcendência, o desenvolvimento babélico do «inferno» arquivista — afinal, o insaciável desígnio da nossa era, mantendo-nos ligados ainda hoje, cada vez mais, a uma «febre de arquivo», como assinalou Jacques Derrida em meados dos anos 90. Indexado ao real, mas livre nessa dialética entre o «outrora» e o «agora», o «clarão» que Pauliana Valente Pimentel nos oferece com a sua nova série fotográfica sobre uma temporada no Dubai, mesmo se não contraria o impulso contemporâneo de produzir mais e mais imagens, contribuindo assim para a exponenciação do nosso arquivo coletivo, recentra-nos perante a ideia de um «outro» ainda algo impenetrável que, apesar de partilhar connosco muitos aspetos de um mundo que é hoje cada vez mais global, próximo e semelhante, se dá a ver até onde lhe é possível, a partir da sua própria e assumida distância. E nesse jogo justamente se esconde um «outro» a cada dia mais híbrido, simultaneamente estranho e familiar, sem que possa-mos falar aqui, a propósito destas imagens, de uma entrega voluntária desse «outro» arábico à observação da fotógrafa. A ausência de uma comunhão mais forte e essencial a este processo de trabalho percebe-se na frustração aqui e ali dessa intensidade que Pauliana persegue junto das pessoas que com ela se cruzam e que desta vez a obrigaram a um exercício suplementar de contorno sobre o real, arrancando mesmo assim alguns gestos de genuína disponibilidade momentânea. Depois da Grécia, do Cáucaso ou de Cabo Verde, onde a verdade de uma entrega se sublimou na produção de conjuntos, ou «constelações», de intenso diálogo e partilha mútua, o Dubai revelou-se um desafio maior e, na série restrita que agora se expõe, Pauliana encontrou, paradoxalmente, maior solidez e promessa de significação nas entranhas de um real físico e quase inanimado, no foco sobre o pormenor de inesperadas ligações entre objetos, circunstâncias de uma temporalidade efémera ou referências paisagísticas — no deserto ou na cidade nova —, que operam uma subtil mas igualmente encantatória relação entre o visível administrado pela oficialidade política e social do Dubai e as surpresas de uma atmosfera quase inusitada, desenhada por quem vem de uma outra realidade e possui um olhar fotográfico em parte inspirado por outras referências culturais mas que, apesar dos contrastes facilmente identificáveis, as pretende cruzar com essa dimensão local de uma forma produtiva e eficaz do ponto de vista de uma alteridade possível, alcançada por esse imaginarium que só a fotografia consegue aprofundar. Ora, será essa mesma dança visual, par a par — onde o paradoxo se exhibe e manifesta como um exótico hesitante ou transformado —, a conduzir o projeto mais recente de Pauliana Valente Pimentel. A artista investe desta vez muito mais no registo e na atenção aos cruzamentos que a realidade produz perante a distração humana ou a incapacidade de reconhecimento desses projetos megalómanos que prometem o domínio absoluto da natureza e do acaso, sem darem conta de como estes se manifestam a cada esquina, a cada disrupção ou força ancestral da própria vida. Enleando-se no desígnio do desconhecido, ao pular entre a sua expressão social ou étnica e o fulgor da significação das mais insuspeitas relações, marcadas por gestos e experiências quotidianas, furando nos interstícios da casualidade os espectros sempre ocasionais da beleza e do poder que nos rodeia sem darmos conta, Pauliana supera a barreira do humano, da natureza figural ou do seu olhar direto (ainda que uma das mais fortes imagens desta série assim o reassuma), para se entregar com máxima disponibilidade ao exercício de identificação dessa poética dos lugares e dos seus vestígios de humanidade ou descontrolo. Entre a imagem que no Ocidente temos de um lugar pujante mas algo alegórico ou barroco no seu jorro de riquíssimo petrolífero, e o imaginarium que Pauliana aprofundou nos recantos inauditos dessa região reside a força destas imagens, isto é, a sua particular interculturalidade, o seu protocolo imagético. Aí podemos encontrar o lugar desse crescimento desenfreado mas paradoxal, onde a força da natureza (em particular, o deserto) e a ocidentalização da cidade continuam a ampliar um efeito de estranhamento e contraste, enquanto espécie de laboratório de um tardo-capitalismo que ostenta sem pudor o seu magistério global. Subsiste porém, desse modo, o ponto focal ou a distância que nos condiciona mas impele, ao mesmo tempo, a uma leitura do «outro», sabendo todos, uns e outros, cada qual à sua maneira, como é desses encontros e desencontros que se fazem as relações entre as pessoas, entre os povos e as culturas. E ainda, desse modo próprio, aquilo a que chamamos o arquivo ou a memória da humanidade.

1 Rosalind Krauss, «Notes on the Index. Seventies Art in America», in *October*, n.º3 (inverno, 1976-77), Cambridge, Massachusetts, MIT Press, 1983, pp. 68-81. 2 Cf. Charles Sanders Peirce, «Logic as Semiotic: The Theory of Signs», in *Philosophic Writings of Peirce*, Nova Iorque, Dover Publications, 1955. 3 Cf. Walter Benjamin, *Paris, capitale du XIX Siècle. Le Livre des Passages*. 3.ª ed. Traduzido do alemão por Jean Lacoste. Paris: Éditions du Cerf, 2000.

Between the image and an “imaginarium” of Dubai

EN

In the far distant year of 1940, an inexhaustible chest called “The Arcades Project” spoke almost unheard. There, as a conjurer of the modern transformations that affect image production in the era in which images can be reproduced technically, Walter Benjamin illuminated the magical and epistemological power of the image, and not just the photographic image, but in a close relationship with it: “image (he says) is that wherein the Erstwhile comes together in a flash with the Now to form a constellation.” In other words, image is immobilized dialectic. For, as the relationship of the present with the past is purely temporal, the relationship of the Erstwhile with the Now is dialectic: it is not temporal but imagetic.” Once so identified, our awareness of the outcome of this constant ricochet that immobilizes us before the magisterium of enchantment was born. And with the photograph, we have all played since the beginning of time in the “dialectical” assumption of a new but powerful “imaginarium”, which, although tied to the real since its origin, (as a consequence of the ancient mimetic and figurative impetus that transfigures drawing from the cave to photography), promoted from the mid-19th century, between the ineffable “flash” of the “Erstwhile” in the “Now” and its powerful transcendence, the babel-like growth of the archive “inferno” - after all, the insatiable purpose of our era, keeping us linked - even today, and increasingly so to an “archive fever”, as Jacques Derrida noted in the mid-1990s, and to which the ether of the Internet brought the possibility of a real global and democratising explosion, based on the rapid growth of immediatist search engines such as Google.

The “flash” that Pauliana Valente Pimentel offers us with her new series about time spent in Dubai, even if it does not counter the contemporary impulse to produce more and more images, thus contributing to the exponentiation of our collective archive, returns us to the idea of an “other” that is still something impenetrable, that, despite sharing with us many aspects of a world that is increasingly global, near and similar, shows itself to us so far as is possible, on the basis of its own admitted distance. And it is in this game that an increasingly hybrid “other” hides, which is simultaneously both strange and familiar, although these images do not involve a voluntary surrender of this Arabic “other” to observation by the photographer. The absence of a stronger and more essential commonality from this work process can be understood here and there from the frustration of the intensity that Pauliana seeks from those whom she encounters and who, this time, caused her to perform an additional take on real, while she nevertheless provoked some gestures of genuine momentaneous openness. After Greece, the Caucasus and Cape Verde, where the truth of a surrender was sublimated in the production of groups, or “constellations” of intense dialogue and mutual sharing, Dubai revealed itself to be a greater challenge and in the limited series now exhibited, Pauliana paradoxically found greater solidity and promise of signification in the entrails of a physical and almost lifeless reality, and in a focus on the detail of unexpected connections between objects, circumstances of an ephemeral temporality or landscape references - in the desert or in the new city - which produce a subtle but equally bewitching relationship between the visible as administered by the political and social officiality of Dubai and the surprises of an almost strange atmosphere, which is designed by someone from another reality, who has a photographic gaze that is, in part, inspired by other cultural references, but which, despite the easily identified contrasts, seeks to mix them with this local dimension in a manner that is productive and effective from the point of view of a possible otherness, achieved by this “imaginarium” that only photography can deepen.

It is precisely this visual dance, face to face, in which the paradox is displayed and manifested as a hesitant or transformed exoticity that drives Pauliana Valente Pimentel’s most recent project. This time, the artist invests much more in recording and focusing on the intersections that reality produces in the face of human distraction, or the inability to recognise these megalomaniac projects that promise absolute dominion over nature and chance, without noticing how nature and chance are manifested on every corner, in every disruption or ancestral force of life itself. Entangled in the designs of the unknown, and by leaping between its social or ethnic expression and the glow of the signification of the most unsuspected relationships marked by gestures and everyday experience, boring into the interstices of chance the always occasional apparitions but revealing the beauty and power that surrounds us of which we are unaware, Pauliana overcomes the barrier of the human, of the figurative, or of her direct gaze (even though one of the strongest images in this series reassumes it), in order to surrender herself completely to the identification of this poeticity of places and their traces of humanity or of absence of control. It is perhaps between the image that we in the West have of a thriving place that is somewhat allegorical or baroque in its outpouring of oil-based affluence and the “imaginarium” that Pauliana drove down to in the hidden recesses of this unbridled growth, that the place, nature and the city continues to expand as a kind of laboratory of a late-capitalism that shamelessly ostentates its global magisterium, that the focal point, or distance, that conditions us, but, at the same time, impels a reading of the “other”, when everyone knows, each one in its own way, that it is of these encounters and divergences that relations between people, peoples and cultures are made. And yet, this is also the way in which the archive or memory of humanity is created.

Note 1 - See Walter Benjamin, *Passagens*, (1927-1940), (translation by Irene Aron and Cleonice Paes Barreto Mourão and revision by Patricia Freitas Camargo), Belo Horizonte/São Paulo, Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Note 2 - Cf. Jacques Derrida, *Mal d’Archive: une impression freudienne*, Paris, Galilée, 1995.